



AFRO EM MOVIMENTO

Combate ao racismo estrutural

No mês de maio, foi divulgada a sexta edição da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). De acordo com o levantamento, as pessoas negras representam 57,4% da população de Brasília. Com o intuito de reunir informações demográficas, sociais, de trabalho e de renda, o estudo visitou 100 mil domicílios em 33 regiões administrativas do DF.

Buscando desenvolver uma consciência antirracista na sociedade e combater desigualdades e preconceitos na capital, o Afro em Movimento foi criado neste ano, sendo uma iniciativa realizada pelo Instituto Janelas da Arte e fomentada pela Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania (Sejus-DF). O objetivo do projeto é unir cultura e conhecimento em prol da população negra do DF, que é considerada a maior parcela populacional da cidade.

Com a coordenação pedagógica de Leandro de Carvalho, o Afro em Movimento promove feira de empreendedorismo, laboratório com cursos de formação e qualificação, painéis, lives, palestras e apresentações artísticas. Durante o primeiro semestre, o programa promoveu 11 cursos de capacitação para empreendedores negros.

As atividades são ofertadas de forma gratuita, voltadas especialmente para a população negra. A ideia central das ações é conscientizar e capacitar esse público para o mercado criativo e trazer luz às questões raciais que estão presentes na sociedade.

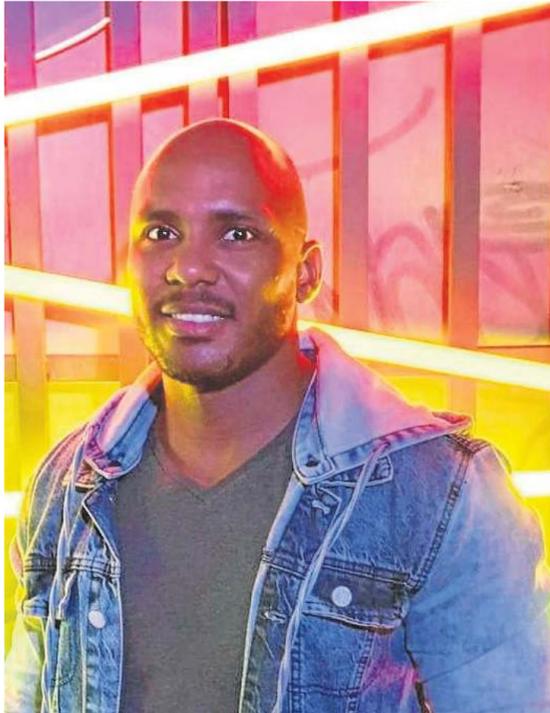
Na última terça-feira, o projeto contou com a abertura da segunda etapa de ações especiais para o mês, que se estendeu até quinta-feira. Inaugurando o ciclo de debates por meio dos Painéis Aquilombar, a iniciativa social promoverá, até o final de julho, reuniões periódicas para debater

Três perguntas para

Leandro de Carvalho, coordenador pedagógico do projeto Afro em Movimento

O que motivou a criação do Afro em Movimento?

O Afro em Movimento tem uma motivação histórica, de um passado histórico mais distante, mas também muito presente. Ele é motivado pela necessidade existente de ações que combatam e atuem para desconstruir o racismo estrutural da sociedade brasileira. Se a gente olhar em uma perspectiva histórica, mas também para o contexto presente da sociedade, esse racismo estrutural levou a população negra a ser a mais impactada pela covid-19. Além das pessoas negras terem sido as que mais morreram, elas são, hoje, por exemplo, as mais desempregadas. Quando a gente olha para o percentual de pessoas desempregadas no Brasil, 72,9% são pessoas negras. Então, o Afro em Movimento olha para essas duas demandas: a necessidade de combater o racismo estrutural histórico e a necessidade de fazer algo, no momento, urgentemente, para apoiar pessoas negras na reação ao contexto em que elas se encontram por conta da covid-19. A relação da pandemia com esse racismo histórico que existe no Brasil faz com que pessoas negras sejam as mais desempregadas, que recebem menores salários, que têm menos acesso às



Afro em Movimento/Divulgação

vagas de emprego e ocupação, que estão no encarceramento e que são vítimas de um genocídio negro do Estado.

Qual o sentimento de tirar o projeto do papel?

Não só para mim, mas para toda a equipe do Afro em Movimento

e do Instituto Janelas da Arte, o sentimento de tirar do papel é de muita satisfação. Não é um sentimento de dever cumprido, porque a caminhada e a jornada são longas, mas é uma sensação de satisfação e comunhão com a comunidade negra do Distrito Federal e do Brasil; poderemos estar contribuindo, ainda que minimamente, para a reversão de quadros de dificuldades citados anteriormente. O Afro em Movimento é feito por muitas pessoas e estarmos juntos, construindo o projeto, fazendo com que ele aconteça, também reforça os laços de solidariedade dentro da comunidade.

Qual o impacto social que o projeto gera na sociedade?

O Afro em Movimento gera impactos sociais em algumas áreas. O primeiro e diretamente para a população negra é quando a gente olha para o pacote dos cursos, com a possibilidade de trabalho e renda. Primeiro, porque pessoas empreendedoras que estão fazendo o curso têm acesso a formações e capacitações que podem melhorar o seu empreendimento, ajudar a vender mais, organizar as finanças e entender melhor qual é o produto que é vendido. Então, a gente está contribuindo com isso,

para o aumento das vendas e a geração de renda de pessoas empreendedoras. Segundo, as pessoas que não possuem um empreendimento, mas querem ter acesso ao mercado de trabalho, estão tendo a possibilidade de se tornar uma mão de obra melhor qualificada, portanto, mais atrativa para empresas e outras instituições empregadoras. O outro impacto do projeto é o da consciência sobre negritude. Todos os cursos, painéis e o evento têm um foco muito forte na valorização da pessoa negra, dos saberes ancestrais, na identidade negra e o que é ser negro no DF e no Brasil. O Afro em Movimento tem essa perspectiva muito forte de positividade do ser negro, da comunidade e população negra e da negritude. Isso faz muito sentido para o fortalecimento da autoestima das pessoas negras que participam. Faz muito sentido também para as pessoas brancas que estão em alguma iniciativa do projeto e têm a oportunidade de fazer letramento racial, de ter contato com todos os conteúdos e com outras pessoas negras e entender sobre negritude e racismo, contribuindo, assim, para uma diminuição da visão racista existente intrinsecamente nessas pessoas brancas que fazem parte do projeto.

temas relevantes à população. Os próximos encontros estão marcados para os dias 12, 13 e 14 e, posteriormente, para os dias 19, 20 e 21.

“O aquilombar segue sendo uma estratégia de sobrevivência

para a população negra, quer seja na conformação geográfico-cultural das periferias, quer seja na construção de espaços que conectam e aglutinam pessoas negras, a partir e para o

fortalecimento de sua negritude, em espaços físicos e virtuais”, explica o coordenador Leandro.

Inspirado no poema “Tempo de nos aquilombar”, da escritora e professora Conceição Evaristo, os

Painéis Aquilombar estão divididos em três eixos — Diáspora, Resiliência e Afeto. É possível acompanhar a conversa presencialmente, na Copa Network (CLN 305), mediante inscrição prévia pelo

Sympla. Porém, o evento também conta com transmissão ao vivo pelo YouTube, por meio do canal Afro em Movimento. Para mais informações, é necessário acessar o Instagram @afroemmovimentodf.

FESTA / Encontro anual em Taguatinga celebra cinco décadas de amizade entre os ex-moradores da QNF. Hoje, ao menos 130 pessoas são esperadas para lembrar da juventude vivida na região e reforçar laços de afeto, no Bar do Kareka

Amigos para além do tempo

» ISABELA BERROGAIN

Para os moradores que viveram a infância e a adolescência na QNF de Taguatinga, os anos 1970 e 1980 são fonte de memórias mais do que especiais. Na época, os estudantes do Sesi Taguatinga e da Escola Classe 27 de Taguatinga Norte passaram momentos inesquecíveis no setor.

“Taguatinga é nossa história”, define a aposentada Shirley Caixeta, moradora da quadra. “O que a gente mais fazia na adolescência era bater papo nas esquinas da QNF. A gente tinha amigos que moravam em cada uma das 24 quadras, então a gente se encontrava na rua mesmo ou na casa uns dos outros. Nosso divertimento era esse”, relembra Shirley. “Como na época a gente não tinha acesso a outras coisas, tipo clube ou cinema, essa era a forma que a gente encontrava de se manter junto”, complementa o advogado Ruy Correa, que morou na QNF por 15 anos.

Os anos passaram. As crianças e os adolescentes que cresceram na QNF se tornaram adultos, casaram, mudaram para outros lugares e acabaram se distanciando. Foi em 2016 que, movido pela nostalgia e pela saudade dos amigos, Ruy, que mora na Bahia, resolveu criar o grupo Amigos para sempre no WhatsApp, com o intuito de diminuir a distância entre os colegas do bairro. “Eu botei umas três ou quatro pessoas

Arquivo Pessoal



O encontro está no calendário da QNF. Ex-moradores vêm até de fora do país para participar da celebração com velhos amigos

que manteve uma relação mais próxima e, de repente, tinham mais de 100 no grupo”, relata.

Fora do virtual

A partir do WhatsApp, surgiu um projeto maior: o encontro presencial dos moradores da QNF, ou Encontro dos Amigos da QNF. O evento, que ocorre em Taguatinga Norte, nasceu como forma de celebrar a amizade e promover o reencontro de quem morou no setor entre as décadas de 1970 e 1980. Hoje, os ex-moradores realizam a quinta edição, honrando as histórias e

memórias do local. “Atualmente, o Encontro dos Amigos parece um evento cultural da QNF, está inserido na cultura de lá. Para mim, já poderia figurar como um evento de Taguatinga”, avalia Ruy. A celebração terá início às 15h na Cervejaria Caixa D'Água (Bar Do Kareka), na Praça da CNF, e contará com as atrações The Funk Brothers, Os Nafalinas e Dj Liu Pinheiro para animar a tarde com muita música.

Nesta edição, os participantes terão motivos de sobra para celebrar: o encontro de hoje é o primeiro desde o início da pandemia da covid-19. “É um sentimento de

Participe

5º Encontro dos Amigos da QNF Cervejaria Caixa d'Água (Bar Do Kareka)

Hoje, a partir das 15h
Endereço: Praça da CNF
Entrada franca

alegria imenso, principalmente depois dessa pandemia. Na verdade, o sentimento maior é de gratidão, pelo simples fato de estarmos vivos”, declara o aposentado Francisco Vieira da Silva. “Além

de matar a saudade, nós vamos comemorar a preservação da vida, depois de passarmos por muitas dificuldades nesses últimos dois anos”, diz.

Do colégio

Além de tesoureiro do evento, Francisco é participante assíduo das reuniões. Acompanhado da esposa, que conheceu durante os tempos de colégio na QNF, o aposentado encontra os amigos anualmente. “Como a gente passa muito tempo sem se ver, todo mundo volta a ser criança quando a gente se reencontra”, admite.

Dentre os 130 participantes da edição, encontram-se pessoas do Distrito Federal, outros estados e países. Morando no exterior há 35 anos, o professor Carlos Menezes veio direto dos Estados Unidos para participar da celebração. “A QNF fez parte fundamental no meu desenvolvimento como pessoa”, conta o professor, que morou no setor por 18 anos. “Lá, fiz amizades verdadeiras e duradouras. Algumas dessas pessoas eu procurei manter contato durante todo esse tempo. Mais recentemente, com as redes sociais, as coisas ficaram mais fáceis”, explica. Sem os encontros anuais, o grupo de WhatsApp foi o que manteve os amigos conectados durante 2020 e 2021.

Nos eventos, Carlos tem reencontrado colegas que não via há mais de 40 anos. “Esses encontros nos fazem voltar ao passado. É muito emocionante poder abraçar, sorrir e ouvir as histórias das pessoas que tomaram direções diferentes nas vidas. Cada um tem uma história, e todas são igualmente importantes”, pontua. “Com o passar do tempo, e com as pessoas consequentemente seguindo direções diferentes, é óbvio que as pessoas passam a pensar de formas diferentes. Isso acontece e é parte do processo. No grupo, temos discussões políticas e religiosas, o que não é fácil nos dias atuais, mas no dia do encontro esquecemos essas divergências e somos simplesmente “amigos para sempre”, finaliza.